



BADMINTON E GÊNERO: um relato de intervenção para a desconstrução de relações desiguais

Ana C. T. LUCAS¹; Fernanda G. R. CASAGRANDE²; Luis G. PIZA³

RESUMO

Este é um relato de experiência sobre a vivência do esporte Badminton, em turmas de ensino técnico integrado ao Médio. O objetivo foi analisar as relações de gênero e sexualidade durante as aulas de Educação Física, de modo a identificar o Badminton como um propiciador à desconstrução das desigualdades de gênero. Constatou-se que este pode ser um importante tema a ser desenvolvido, pois sua problematização oportunizou cruzamentos de diversas fronteiras e reflexões dentro do cotidiano das aulas.

INTRODUÇÃO

Goellner (2010) define gênero como uma condição social na qual os indivíduos se identificam como masculino e feminino. O gênero é construído a partir das vivências e da cultura das pessoas, e dentro da Educação Física, que trabalha com relações sociais e interpessoais, cabe aos professores pensar estratégias e formas para inserir todos nos esportes, respeitando sempre os limites e individualidades de cada um. Segundo Goellner (2010, p.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG. Email: caroll_tl@hotmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG. Email: fer.gab.rez.cas@gmail.com

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG. Email: gugu_piza@hotmail.com

82), isso “pode ser feito por meio de oferta de atividades, da valorização de sua participação, do reforço positivo às suas performances (...)”.

Diante de um esporte desconhecido pela maioria dos alunos, o Badminton, tivemos como objetivo proporcionar aulas diversificadas, que possibilitassem a todos eles as mesmas oportunidades de aprendizagem, com aulas mistas, as quais ofereciam aos alunos uma nova visão da Educação Física escolar e das oportunidades culturais que refletem na participação mulheres nos esportes.

Para a participação de todos nas aulas escolhemos o Badminton, um esporte de fácil aprendizagem, que segundo Gonçalves et al (2012) desenvolve o raciocínio, a estratégia, o rendimento esportivo, desenvolve as habilidades psicomotoras, como a coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal, dentre outras capacidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Através das atividades passadas, debates eram desenvolvidos com os alunos ao final de todas as aulas sobre questões esportivas, sociais, entre outras. Esses debates eram relatados em um diário de campo e foram registrados em gravações de áudio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este texto apresenta um relato de experiência vivenciado com 2 turmas (aproximadamente 50 alunos) de Ensino Médio integrado, uma majoritariamente masculina e a outra majoritariamente feminina, em uma escola de um pequeno município de Minas Gerais.

Foi relatado pelos alunos que as aulas eram constantemente prejudicadas por substituições dos professores de Educação Física e também pela sobrecarga de estudos na escola, o que fazia com que alguns deixassem um pouco de lado as outras matérias, ou então faltassem da EF para fazer lições ou estudar para as mesmas. Diante deste quadro o futsal tornou-se a atividade predominante e cotidiana, organizado por eles mesmos, e com pequena participação feminina.

Considerando essa premissa, verificou-se a necessidade de abordar um tema menos conhecido pelos alunos, pois não haveria um estereótipo de

gênero construído culturalmente sobre a atividade (LOURO, 1997), podendo contribuir para uma maior participação do público feminino.

O Badminton foi o esporte utilizado para a garantia dos princípios pedagógicos de diversificação de conteúdo. Segundo Gonçalves et al (2012) o Badminton é praticado individualmente ou em duplas, nos naipes feminino, masculino e misto. O número de praticantes no Brasil e no mundo tem aumentado significativamente e é considerado por muitos como o esporte de raquetes mais rápido do mundo.

Durante as atividades, que eram variadas, ora individuais ora em duplas ou trios, percebemos que todos se sentiram à vontade para realizá-las, tanto meninas quanto meninos, e que por nenhum deles ter experiências anteriores com o esporte, eles não se preocupavam tanto com a pontuação, e sim com aprender as melhores formas de jogar.

Em uma das atividades realizada em duplas, uma dupla feminina teve pontuação maior do que seus adversários, uma dupla masculina. Na discussão ao término da aula a dupla vencedora disse que foi muito bom ganhar, para quebrar a “tradição” de somente os meninos ganharem por serem mais fortes e habilidosos, enquanto na dupla masculina notou-se certo desconforto por perder para as meninas. Observamos uma cultura muito forte de gênero, na qual já é esperado que os meninos ganhem tudo por suas habilidades serem mais desenvolvidas que as das meninas, essas não tendo chance de competir com eles.

Isso tencionou as relações de gênero existentes, nas quais as meninas eram vistas como inferiores e motivou-as a participar das aulas e conhecer novas atividades. Se inicialmente precisávamos colocar regras que as obrigassem a participar, esse episódio contribuiu para que elas reivindicassem isso ativamente, participando, ao menos, do jogo de Badminton.

Ao final do tempo de intervenção, notou-se que as meninas ganharam mais confiança para participar das atividades, além de quebrarem a ideia de que os meninos são melhores em todas as atividades, assim como os meninos viram que não são “destinados” a ganhar e as meninas sempre ficarem na periferia das atividades. Um aluno, que não participava anteriormente das aulas por achar que não se dava bem com os esportes, pois não se encaixava nos padrões hegemônicos de masculinidade e de aptidão física, relatou que após a

intervenção passou a compreender que as aulas de EF podiam ser participativas e que todos podiam aprender algo novo com elas. Isso nos mostra que as relações desiguais de gênero não se aplicam somente às meninas, mas a todos que não seguem um certo estereótipo, podendo prejudicar a aprendizagem dessas pessoas na aulas de Educação Física.

CONCLUSÕES

Encontramos uma necessidade de quebrar com relações desiguais entre gêneros que estavam enraizados nas turmas de Ensino Médio. Com atividades que ambos os sexos não conheciam, isso foi mais oportunizado, pois todos começariam a aprender as habilidades do zero.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, R. et al. A importância da tomada de consciência no jogo badminton. Revista Fiep Bulletin, v.82, special edition, article I, 2012.

Louro, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOELLNER, Silvana. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Cadernos de formação. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2010.